

Goiás Contemporâneo, Avanços, Desafios

Goiás Contemporary, Advances, Challenges

F. Itami Campos¹.

Marcelo Henrique dos Santos².

Resumo: O Estado de Goiás ao longo do século XX teve importante percurso, modernizando-se e integrando-se à economia nacional, sendo esse percurso destacado, acentuando alguns momentos especialmente as mudanças de Capital. A seguir a contemporaneidade e a modernização foram consideradas. Finalmente, Goiás contemporâneo se apresenta com destaque, com seu morador residindo em cidades e com melhor distribuição de renda per capita, embora desafios ainda se apresentem.

Palavras Chave: Goiás, modernização, integração nacional, desafios.

Abstract: The State of Goiás during the twentieth century was important route, modernizing and integrating the national economy, and this route highlighted, emphasizing some moments especially capital changes. The following contemporary and modernization were considered. Finally, contemporary Goiás presents especially with its resident residing in cities and better distribution of per capita income, although challenges still present.

Keywords: Goiás, modernization, national integration challenges.

Introdução

O Estado de Goiás, situado na região Centro Oeste, com uma área de 340.086 km², tem posição geográfica privilegiada pela sua centralidade no País. O território goiano tem diminuído ao longo de sua história, perdeu o Triângulo para Minas Gerais, cedeu a área para a Capital Federal, Brasília e, na Constituição de 1988, foi dividido com sua antiga região norte formando o Estado do Tocantins. Assim mesmo, Goiás é o 7º Estado Brasileiro em extensão.

¹Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, UniEVANGÉLICA. Doutor em Ciência Política, USP. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e Membro da Academia Goiana de Letras. Email: itamicampos@gmail.com

²Professor e Coordenador do Curso de Direito da UniEvangélica. Mestre em Ciências Ambientais(UniEvangélica) e Promotor de Justiça no Estado de Goiás (Anápolis Goiás). Email: marcelo.santos@unievangolica.edu.br

Por sua proposta, este trabalho procura apresentar Goiás no Século 21. Contemporaneidade demarcada a partir da Nova República (1985), em razão de delineamentos políticos, tais como democratização, reorganização partidária, reordenamento constitucional e eleições diretas para presidência da República, assim como reorganização da economia com Plano Real.

Quanto à Goiás, no período 1980/1990 o Estado teve os traços de modernidade realçados, apresentando-se mais integrado ao mercado nacional e com marcante presença da produção mercantil no setor agrário. Embora o trabalho trate do período contemporâneo, apresenta-se importante resgatar o percurso do Estado ao longo do Século 20, pois, de região isolada e pobre Goiás integrou-se à economia nacional, tornando-se uma de suas principais economias. Destaque-se que, a presença do campo na sua origem, fonte de renda e produção, marca também a sociedade e sua cultura.

Vale considerar, finalmente, que a sociedade goiana se apresenta complexa, tal como a brasileira, pela diversidade de sua formação, dos interesses e grupos que a constitui, também pela multiplicidade de ocupações e segmentos que a compõe.

Trajetória

O Estado de Goiás percorreu ao longo do Século 20 talvez sua mais importante caminhada. De região isolada e distante, tornou-se região nacionalmente integrada; de economia de subsistência e pobre tornou-se economia de mercado, destacando-se entre os estados brasileiros.

Com a ferrovia (1913) penetrando no território goiano a partir do sul do estado, os produtos do campo goiano, arroz principalmente, chegam ao mercado nacional. (Campos, 2012). Apesar disso, o Estado em 1930 ainda é pouco desenvolvido. O Interventor federal em Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, apresenta essa condição em documento endereçado a Getúlio Vargas, chefe do Estado Brasileiro. (GOIÁS, Relatório, 1930-1933).

A mudança da Capital para Goiânia e uma série de condições criadas trouxeram outras perspectivas. Em seu livro *Pito Aceso*, publicado na época, Pedro Gomes foi bem expressivo...

... Goiano, dos mais descrentes em relação a qualquer melhoramento para meu Estado, cepticismo adquirido no decorrer de minha existência, sempre a esperar a realização de promessas que antecipavam os prêmios eleitorais e que se evaporavam após da eleição, jamais admiti a hipótese, considerada por mim absurda, da edificação de nova capital para Goiás. (...) Hoje... não precisamos burilar frases para encarecer o fato; basta-nos levantar o indicador e apontar ao incrédulo: “Goiânia”.

E Goiaz, *ficção geográfica*, apesar de sua extraordinária riqueza inexplorada, passará a ter lugar de projeção, não entre os pequenos, mas entre os maiores Estados do Brasil. Está, pois, determinado o ponto de partida para a grandiosa caminhada: a fundação de Goiânia. O resto seguir-lhe-á as pegadas. (GOMES, 1942,13-14)

A partir de então, não somente a percepção do goiano de um novo tempo, mas moradores de outros estados passaram a ver Goiás como ‘nova fronteira’, com migrantes buscando novas terras e novas regiões sendo ocupadas. As estatísticas indicavam Goiás crescendo mais que o Brasil, resultando em dinamismo, em novas formas de ocupação e pressão para mudanças.

A construção de Brasília e a consequente transferência da Capital Federal para o Planalto Central complementou o processo de integração do Estado, iniciado com Goiânia. Destaque-se o esforço de Goiás para que Brasília se efetivasse e a transferência da Capital se concretizasse, com os governadores goianos do período (Coimbra Bueno, 1947-1950 e Juca Ludovico, 1955-1959), oferecendo suporte técnico, administrativo e até político a Juscelino Kubistchek a fim de que fossem criadas as condições para a mudança da Capital. (SILVA, 1997)

A economia goiana, mesmo tecnicamente atrasada, vai ser beneficiada pela ‘revolução verde’, patrocinada pelos EE.UU e destinada aos países em desenvolvimento e que, nos anos 1960/1970, difundindo tecnologias agrícolas, propõe a modernização do campo. Além disso, políticas públicas, dirigidas ao

campo e estímulo a créditos para o setor agrícola no Regime Militar, resultaram em avanço da produção. Esse processo de crescimento econômico do período (1966-1985) tem sido considerado uma “modernização conservadora”, por não resultar em desenvolvimento que tenha seus benefícios estendidos para toda a sociedade, mas por destinarem-se somente a setores produtivos, sendo assim seletivo e excludente. Apesar disso, o campo se moderniza e Goiás beneficia-se deste processo.

As Condições Da Contemporaneidade

A contemporaneidade tem como marco a Nova República (1985), especialmente pelas condições institucionais que vão ser estabelecidas. Embora, as crises do Estado e do Capitalismo, bem como a disparada inflacionária brasileira, tornassem os anos 1980/1990 difíceis.

Mesmo com as crises, a economia goiana continuava crescendo e a agroindústria se instalando, tornando-se fundamental o apoio dos governos goianos que, investindo em estradas e em infraestrutura, procuraram manter o apoio institucional para a continuidade do processo de modernização do Estado, sendo que algumas políticas e incentivos fiscais reforçaram esse movimento da economia. (ESTEVAM, 1998)

Assim, o Estado de Goiás chega ao final do Século 20 em condições socioeconômicas e políticas bem diversas das que se apresentavam nos anos iniciais do mesmo século. Embora a base de sua economia continuasse tendo origem agrária, sua população residia em cidade e vivia em melhores condições que seus antepassados do final do século XIX. Apesar disso, eram, muitos os desafios e muitas as desigualdades.

E os governantes do Século 21 vão se deparar com esses problemas. Favorecida por mudanças estruturais no Capitalismo, a economia goiana tem crescido, sua agroindústria passou a atender as carências do mundo. Daí os governos de Goiás terem procurado manter o Estado crescendo, diversificando sua economia com muitos polos industriais sendo instalados, destacando-se entre as principais economias do país.

Economia e o desenvolvimento goiano.

Goiás situou-se em 2011 como a 9.^a economia brasileira, com um PIB estimado de R\$ 103,44 bilhões, conforme SEGPLAN/ Inst. MB de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, 2012. Destaque-se que a economia goiana tem crescido mais que a brasileira, especialmente pelo desempenho do agronegócio, embora seja o setor de serviços o que mais contribui para o crescimento do PIB goiano – 58,97% dados de 2009.

Entre 1996 e 2010 a indústria goiana cresceu 167%, com o número de estabelecimentos passando de 6,7 mil para 17,9 mil, conforme estudo da FIEG, divulgado em O Popular em 12/4/2012. Estimulados por incentivos fiscais, muitos polos industriais foram se estabelecendo – Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Aparecida de Goiânia, Itumbiara, Luziânia, Catalão, entre outros municípios que assim vão se diferenciar pela produção industrial.

Construção civil, indústrias químicas e farmacêuticas, indústrias mecânicas e metalúrgicas constituem-se nos principais setores do crescimento do setor industrial em Goiás. (O Popular, 12/4/2012).

Mesmo com a industrialização crescendo tanto, a base da economia goiana, continua sendo o agronegócio. Entre os Estados brasileiros, Goiás foi o 4º produtor de grãos (2011), com uma diversificada pauta de produtos agrícolas. A pecuária goiana mantém sua expressiva participação na nacional. Em 2011, seu rebanho era o 4º no ranking brasileiro. Destaque-se a pecuária e agricultura mantiveram sua importância na região. Assim, seja com uma economia de subsistência, com pouca qualificação técnica do Século 19 e início do Século 20, seja através do processo de modernização, foi o campo goiano o responsável pela incorporação de capital e de novas tecnologias e, sem dúvidas, pelo desenvolvimento do estado, com investimento na agroindústria, tornando Goiás um dos maiores produtores e exportadores de grãos, carnes, leite e derivados, massas, biscoitos e bebidas.

Além do agronegócio, através de investimentos outros setores foram estimulados a se fixarem em Goiás ampliando a sua industrialização, destacando setores farma-químico, vestuário, mineração, automotivo e de implemento

agrícola. Na última década, Goiás se tornou o 3.º polo do país na produção de medicamentos genéricos. Em Anápolis, no DAIA, localizam as principais empresas do setor.

A indústria de confecções se expandiu por diversos municípios, com destaque no mercado da moda brasileira, refletindo também no crescimento da indústria de calçado e artefatos de couro.

A mineração em Goiás também se diversificou, sendo o Estado o terceiro maior produtor de minério no Brasil, distribuídos por muitos municípios, com produção de cobre, ouro, cobalto, níquel, nióbio, fosfato e vermiculita, assim ocupando posições importantes na cadeia produtiva nacional. Setor estratégico, a mineração pode ser caracterizada por muitos interesses e conflitos histórico – o governador Mauro Borges que o diga!

Com a mundialização da economia, instalaram-se em Goiás montadoras de automóveis, de motocicletas, indústrias de peças automotivas e de implementos agrícolas. Com isso, o perfil do processo industrial goiano tendeu à diversificação. Conforme dados do IBGE (2009), do PIB total 13,4% era da agroindústria, 26% da indústria e 60,6% do setor de serviços. Valendo reforçar, pois a agroindústria goiana apresenta-se percentualmente muito acima da média brasileira, tendendo a crescer pelo aumento da produção de grãos, da instalação de grandes projetos de avicultura, além da instalação de novas agroindústrias nos setores de alimento e sucroalcooleiro.

Educação

O Ensino Fundamental pode ser considerado universalizado, em Goiás, com esforço de municípios e do Estado para que haja qualidade no ensino público. Apesar deste esforço, Goiás ainda tem um ensino tradicional e com deficiências. O salário docente e as condições de trabalho desestimulam a muitos profissionais qualificados a permanecerem como professor.

Tem aumentada a oferta do ensino profissional, antes restrito a Escola Técnica Federal em Goiânia, e a algumas escolas agrícolas. A criação dos Institutos Federais – Goiás e Goiano; o aumento de cursos oferecidos pelo

Sistema “4S” – Senai e Senac, além de cursos tecnológicos em diferentes instituições de ensino, tornaram crescente a oferta de vagas em cursos profissionalizantes. Apesar dessa oferta e da expansão do ensino profissional, há carência de profissionalismo qualificado e apto para as exigências do mercado. A qualidade da mão de obra apresenta-se como fragilidade para o empresariado. (ACIEG/Price Waterhouse e Coopers, 2010).

O ensino superior teve expansão recente no Estado, sendo evidente a interiorização do 3º grau em Goiás. Na atualidade, 61 cidades goianas têm algum curso superior. Embora predominem cursos das áreas de humanas, ciências sociais aplicadas e letras, tem sido crescente o funcionamento de cursos na área da engenharia e na área da saúde. Ainda são restritos os cursos de pós-graduação *stricto sensu* – mestrado e doutorado. A UFG lidera na oferta (32 mestrados e 13 doutorados) seguida pela PUC-GO (14 mestrados e 3 doutorados). Além destas, UEG, IFGoiás, IFGoiano, UniEVANGÉLICA, FESURV e ALFA são instituições que oferecem cursos de mestrado e ou doutorado.

Ciência, tecnologia e inovação.

O reconhecimento da importância da Ciência e Tecnologia tem sido feito para que a inovação se efetive nas práticas das pessoas no trabalho, bem como no desempenho empresarial. Setores do governo federal e estadual, dirigentes empresariais (FIEG), instituições de educação superior, entre outros segmentos fazem atualmente um empenho para que a cultura da inovação se desenvolva.

Recentemente, o governo goiano lançou o programa “Inova Goiás”, estabelecendo ações indutoras à criação de ambientes inovadores, com objetivo de aumentar a competitividade do Estado de Goiás. Na sua formulação teórica, a tríplice hélice propõe a conjugação de esforços de três atores do sistema de inovação – governo, setor empresarial e instituições de ensino superior, procurando como resultado a integração destes setores no desenvolvimento de pesquisas e projetos de ciência e tecnologia.

Apesar disso, tem sido lenta a inovação em Goiás. A cultura empresarial apresenta-se pouco inovadora, predominando certa desconfiança e até resistência

para a busca de novos métodos e novos processos. O setor empresarial moderno, que trabalha com tecnologia mais avançada, compra essa tecnologia de outros centros ou a importa. Apesar do esforço que tem sido feito pela FIEG e por algumas IES tem sido mínima a integração empresa – universidade e inexpressiva a transferência de tecnologia. A expansão e a interiorização do ensino superior e o esforço que vem sendo feito por algumas IES e pela FAPEG deve aumentar o ritmo da inovação, mas os problemas ainda são muitos e diversos.

Infraestrutura

O Estado de Goiás tem estratégica situação territorial, está próximo das diversas regiões brasileiras. Essa condição lhe é favorável logisticamente ao permitir que sua produção possa alcançar com mais facilidade outros ‘mercados’. Conforme informações oficiais, “a malha rodoviária goiana é composta de 25 mil km de rodovias dos quais, 53,2% são pavimentados”. Destaque-se que a BR-153, no seu importante percurso de sul ao norte do Estado na direção do Tocantins, tornou-se importante na integração territorial, principalmente na expansão da fronteira agrícola.

Goiás dispõe também de 685 km da Ferrovia Centro-Atlântica que atende a região do sudeste do Estado e o Distrito Federal. O transporte ferroviário data do início do Século 20, tornando-se importante na integração com o mercado nacional. (Borges, 1982).

Iniciada no início dos anos 1980, a Ferrovia Norte-Sul terá papel fundamental na mudança do perfil econômico da região. Outros projetos estão sendo desenhados, prevendo-se a integração não somente com Estrela do Oeste em São Paulo pela Norte-Sul, como outra de integração do Centro Oeste, além de um projeto maior com quase 5 mil quilômetros, com previsão de atingir o Peru, através de Mato Grosso.

O transporte hidroviário, presente no sistema Paranaíba-Tietê-Paraná a partir de São Simão no sul goiano, tem se destacado. Pelo Porto de São Simão, localizado à margem direita do rio Paranaíba, escoam parte da produção de grãos

que demanda o Porto de Santos, através dos entrepostos de Pederneiras ou Anhembi-SP. Das barcas, os grãos são transferidos para vagões que seguem para o Porto de Santos. Conforme fonte oficial, o complexo possui capacidade de armazenagem total, somando todos os terminais, de 89.000t e capacidade operacional total de 2.100t/hora.

Considerando-se a logística, merecem destaques importantes estruturas existentes em Anápolis - o Porto Seco Centro Oeste S/A e a Plataforma Logística Multimodal de Goiás. O Porto Seco, terminal alfandegário, tem importância na armazenagem e na movimentação de mercadorias importadas, utilizado também como facilitador das operações de comércio exterior. Conforme documento oficial pelo Porto Seco passam cerca de 22 mil toneladas de carga/mês, beneficiado pela localização em Anápolis, vizinho ao DAIA e próximo à Goiânia e Brasília, dispondo também de terminal ferroviário. Em implantação, a Plataforma Logística Multimodal de Goiás, cujo projeto prevê terminais de frete aéreo, aeroporto internacional de cargas, polo de serviços e administração, centro de carga rodoviária e terminal de carga ferroviária, com ligação com as ferrovias Centro-Atlântica e a Norte-Sul.

Outro fator importante da infraestrutura é o setor energético. São muitos empreendimentos na geração de energia em Goiás, notadamente em energia elétrica, sendo que quase 90% são gerados por usinas hidrelétricas, facilitados pelas condições hidrográficas do Estado de Goiás. Talvez por isso, são poucos os projetos de energia alternativa.

Apesar do avanço e dos projetos, o sistema de comunicação no Estado tem deficiência. As estradas, especialmente no período das chuvas, apresentam precárias as condições de tráfego, trazendo prejuízo ao transporte de carga. Além disso, o caminhão tornou-se quase único meio de transporte; a ferrovia apresenta-se mais como promessa; a hidrovia também tem poucos quilômetros implantados no sul do Estado. Outro item da infraestrutura que persiste como deficiente é a energética.

Urbanização/Ruralidade.

Pelas estatísticas de residência populacional, Goiás é um estado urbanizado, pois dos 6.004.045 habitantes, um total de 5.421.069 (90,3%) residiam em cidade (Censo, 2010). Se for considerado outro conceito de urbano que não o do IBGE, essa urbanização deveria ser questionada.

Apenas uma cidade tem mais de 1 milhão de habitantes (Goiânia, 1.301.892), sendo que outras 8 tinham mais de 100 mil habitantes – Aparecida de Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Luziânia, Águas Lindas, Valparaíso, Trindade e Formosa; além de outras 11 terem mais de 50 mil habitantes – Novo Gama, Itumbiara, Jataí, Catalão, Senador Canedo, Planaltina, Caldas Novas, Santo Antônio do Descoberto, Goianésia, Cidade Ocidental e Mineiros. Assim, apenas 20 cidades (7,58%) tinham mais de 50 mil habitantes e 92,42% tem população inferior a 50 mil. Merece destacar que destas 20 cidades, 4 integram a Grande Goiânia e 8 fazem parte do Entorno de Brasília.

Conforme o Recenseamento de 2010, Goiás tinha 246 municípios e o IBGE define como urbana a população das sedes municipais, sem considerar tamanho e nem as condições de urbanização. Assim, era a distribuição dos residentes: 100 cidades (40,65%) tinham até 5 mil habitantes; 53 cidades (21,54%) tinham entre 5 e 10 mil; 40 cidades (16,2%) entre 10 a 20 mil; ou seja, 78,4% das sedes municipais goianas tinham menos de 20 mil residentes. Essas pequenas cidades talvez possam ser enquadradas como ‘cidades agrícolas’ na expressão de Milton Santos. São caracterizadas por cidades que tem sua renda proveniente de atividades agropecuária em que a maioria da população tem sua ocupação; com falta de moradia ou com moradias precárias, sem esgotos tratados e com precário serviço de água tratada. Desafios.

Política

Goiás é o 12º. Colégio eleitoral brasileiro. O eleitor goiano tem baixa escolaridade, apenas 16,3% tem ensino médio completo e 5,9% o ensino superior

completo, sendo que 49,3% possui o ensino fundamental incompleto (31,3%) lê e escreve (13,7%) e analfabeto (4,3%). (STF, 2010)

Desde a formação de partidos políticos nacionais em 1945 que a política goiana se apresenta polarizada – situação/oposição: PSD x UDN, de 1945 até 1965; Arena x MDB, de 1966 a 1980; PMDB x PDS/PFL, 1980 a 1985; PMDB x PSDB de 1989 a 2012. E em torno destes polos outros partidos coligam-se, formando a maioria governista.

Com uma bancada federal de 17 deputados e 3 senadores e com 41 deputados com assentos na Assembleia Legislativa, Goiás apresenta-se com pouca expressão política nacional - historicamente com pequeno número de Ministro de Estado e de lideranças partidárias nacionais.

Possivelmente, por sua característica intervencionista do Estado brasileiro, desde os anos, 1930. Especialmente, após a 2ª Guerra, os governos goianos investindo em hidroelétricas e paulatinamente em outros setores da economia tem tornado a instituição estatal o principal investidor. Intermediando e avalizando empréstimos, especialmente através da renúncia fiscal, o Estado tem favorecido empreendedores a se instalar em Goiás.

Apesar do processo de modernização da economia estadual, a política apresenta fortes traços tradicionais e de conservadorismo. Além disso, ainda é muito presente formas patrimoniais e cartoriais na política estadual. Talvez reflexo de um eleitorado de baixa qualificação, o clientelismo manifesta-se comumente, além do pouco estímulo à participação política e do despreparo dos candidatos a postos eletivos.

Referências

ACIEG/PriceWalthouseCoopers. A força do Estado de Goiás. Sondagem. Goiânia, setembro, 2010.

BERTRAN, Paulo. *Formação Econômica de Goiás*. Goiânia, Oriente, 1978.

BORGES, Barsanufio Gomides. *O Despertar dos Dormentes*. Goiânia, ICHL-UFG, 1982.

BORGES, Mauro. *O Golpe em Goiás (História de uma Grande Traição)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

CAMPOS, F. Itami. Mudança da Capital: Uma Estratégia de Poder, em BOTELHO, R; R. (org) *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia, Ed. UFG, 2002.

CAMPOS, F. Itami. Política Agrária, uma Proposta de Análise. Revista do ICHL 2 (1). Goiânia, Editora UFG, 1982.

CAMPOS, F. Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia, Vieira, 2003.

CAMPOS, F. Itami. Questões Agrárias: bases sociais da política goiana. Goiânia, Kelps, 2012.

CHAUL, Nasr N. F. *A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital*. Goiânia, ICHL/UFG. 1984.

CHAUL, Nasr F. Caminhos de Goiás. Goiânia, Ed. UFG, 1997.

ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação*. Goiânia, Ed. do Autor, 1998.

GOIÁS/SEPLAN. Plataforma Logística Multimodal de Anápolis. 2002.

GOIÁS/SEPLAN. A competitividade da economia Goiana. Goiânia, 2002.

GOIÁS. Ranking dos Municípios Goianos 2009. Goiânia, SEPLAN, 2010.

GOIÁS. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Goiânia, 2012.

GOMES, Horieste. *Geografia Socioeconômica de Goiás*. Goiânia, Ed. Brasil Central, 1969.

GOMES, Pedro. *O pito aceso*. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1942.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história. Goiânia, Cegraf/UFG, 1990.

O Popular, edição especial. 17/8/2010

O Popular, edição especial. 18/3/2012

O Popular 12/4/2012.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. A construção de Brasília: modernidade e periferia. Goiânia, Ed. UFG, 1997.

VALVERDE, O.; DIAS, C.V. A rodovia Belém-Brasília: estudos de Geografia Regional. Rio de Janeiro, Vozes, 1967.

WAIBEL, Leo. Uma Viagem de reconhecimento ao Sul de Goiás, *Revista Brasileira de Geografia* 9 (3). Rio de Janeiro, 1947.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade na história e na literatura. São Paulo, Cia das Letras, 1990.